

*Retrato do professor quando jovem*

Lygia Corrêa Dias de Moraes  
(*FFLCH – USP*)

Conheci-o em fins da década de 50, no Ginásio Estadual “Prof. Francisco Roswell Freire”, que funcionava apenas no período noturno, em São Miguel Paulista. Estudante de Letras Clássicas, precisara esperar os vinte e um anos para habilitar-se a ser contratado pelo Estado como docente das então chamadas “aulas extraordinárias”, as que a professora efetiva – no caso, eu – não poderia assumir. Completava assim o orçamento, o que lhe valeria uma injusta retenção para segunda época na cadeira de grego, cujo catedrático arbitrariamente o declarara “muito ambicioso; dava aulas demais!”.

A distância, o transporte difícil – trem de subúrbio da Central, a ser tomado no máximo até as cinco e dezessete (impossível entrar nele depois disso), para aulas que começavam às sete e meia; a precariedade das instalações – o ginásio funcionava no prédio de um grupo escolar, na realidade uma antiga residência adaptada e aumentada com salas de madeira; o lanche apressado e de qualidade duvidosa na padaria da praça da estação, ao fundo da qual ficava o ginásio; o retorno cansado e sonolento em ônibus demorados; nada disso impediu – pelo contrário, propiciou – a formação de um grupo de professores amigos e solidários, tanto quanto responsáveis e dedicados.

Nele se entrosou o jovem professor, que se dispôs imediatamente a batalhar pela melhora do ensino de Português. Idéias não lhe faltavam, e, tal como hoje, era tê-las e passar à ação. Propostas de inovação eram sempre bem aceitas: “Vamos fazer um jornalzinho?” Mimeógrafo a álcool rodando.

“A senhora não acha que os alunos precisam ler mais ?” Lá vai carta da professora efetiva para a APM, convencendo os pais a destinarem uma verbazinha à compra de livros novos, que não aqueles que as pessoas doam para ter mais espaço na estante. Verba obtida, livros adquiridos imediatamente – da busca por melhores preços e da compra incumbiu-se o jovem professor.

Instalou-se a BIBLIOTECA, nome suntuoso para um armário de madeira no corredor, trancado a cadeado para que os do grupo escolar não se apossassem dela. Devidamente registrados no livro de tombo (um caderninho de linguagem, dos antigos, capa verde), começaram os empréstimos, anotados em outro caderninho. Cabia, cada dia, a um dos professores de Português chegar mais cedo para fazê-los. Mais tarde a incumbência passou para os responsáveis pelo grêmio estudantil. Aprendi: em todas as escolas por onde passei depois, deixei uma biblioteca instalada e funcionando.

Foi ainda em São Miguel que assisti ao começo do namoro com Célia, que fora minha aluna, excelente aluna e, sem dúvida muito acima das demais, conforme disse a ele quando, com um ar fingidamente desinteressado, me perguntou se a conhecia.

Concursos de remoção levaram-me para outras plagas, mas continuei a ter notícias. Noivado, casamento, doutorado, docência na Faculdade de Letras de Marília (não necessariamente nessa ordem).

Recebo depois os primeiros números de *Alfa*, mais adiante um convite para um seminário de lingüística, e por fim outro, extremamente honroso, para proferir uma palestra na Faculdade, em Marília, sobre o formalismo russo, meu tema em uma primeira pós-graduação (em Teoria Literária), quando ainda me achava no magistério secundário oficial.

Começando a trabalhar na USP, comecei também nova pós-graduação, em Filologia e Língua Portuguesa, onde vim a ser sua aluna em curso para cuja regência o convidara o professor Spina. O convívio acadêmico continuou no GEL e, mais adiante, nas palestras com que participou nos encontros do NURC.

Tive também a satisfação de, a convite seu, ser membro da banca de mestrado de Célia – minha primeira banca em Pós, mas não a primeira que nos reunia, já que nos havíamos encontrado antes em uma banca de concurso de ingresso no magistério secundário do Estado. Por fim, participei ainda da tão burocrática quanto dispensável banca de seleção a que ele se submeteu, após a aposentadoria, para continuar na USP a brilhante carreira.

Paro aqui as reminiscências dessa longa amizade. O mais é história sabida. As qualidades fundamentais de caráter, a seriedade e rigor científico, a dedicação ao trabalho, o elã criativo, o dinamismo nas iniciativas, assim como o bom-humor e a amenidade no convívio, disso não há por que falar: são conhecidos de todos.

São Paulo, outubro de 2001